

PONTOS Nossii



R. 16

QUARTO ANNO 1888

Vamos a vêr o que o desgraçadinho tem lá dentro, visto que por fóra já não tem absolutamente nada...

Proverbios

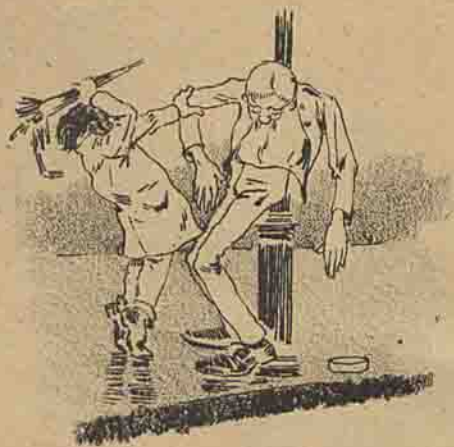
(Quem mal não usa mal não cuida.)



Debaixo dos pes se levantam os trabalhos.



Homem grande besta de pau.



Quem dá de mãos dá de meias.



—Pequenino, mas tesinho!



—Ande lá para a esquadra, que é o caminho!

Por ahí...



Foi semana de jubileus a semana decorrida.

Em Roma o jubileu do pápa; em Lisboa o jubileu do gallego.

Trinta mil catholicos concorreram á basilica de S. Pedro, no empenho de verem o pápa: outros tantos mil inquilinos acudiram aos chafarizes de Lisboa, na esperança de descortinarem um gallego!

Na impossibilidade de sermos dos primeiros, nós fomos dos últimos.

A' custa de muitas pesquisas, de muito trabalho, de muitas supplicas e de muito dinheiro, lá conseguimos arranjar quatro gallegos como quatro flores, que nos custaram quantia superior á que a Hespanha razoavelmente pediria pela cessão de toda a provincia da Gallisa, mas que, em summa, depois de nos levarem os olhos da cara, nos levaram os tarecos a porto de salvamento, para a nossa nova e sempre humilde choupana da rua Formosa, onde temos a honra de ter por visinhos o sr. conselheiro Andrade Pinto, o sr. Pinto de Magalhães e o sr. Madeira Pinto; comnosco, que tambem somos Pinto, fica o predio transformado n'um respeitavel gallinheiro.

Cá está pois o gallinheiro á disposição da nossa gentil leitora.

Os nossos fieis aliados deram-nos a honra de desembarcar em Lisboa, e de tratar a cidade como sertão conquistado, vomitando pelas ruas, roubando ós logistas, insultando as senhoras, provocando os homens, esfaqueando a policia, perturbando os espectaculos e andando emfim pelas praças publicas em exhibições corporneas que até o presente constituíam—em pedra—privilegio exclusivo do *Amor da patria*.

Esta preferencia com que os fieis aliados nos distinguem, escolhendo-nos sempre para theatro das suas expansões e das suas bebedeiras, é tanto mais para agradecer-se quanto sabido é que o inglez, na sua terra, representa a pessoa mais grave, mais austera, mais respeitavel e mais circumspecta de todas as pessoas conhecidas como tal.

Elle é direito como um espaldar de cadeira antiga; elle não se ri nem que lhe façam cocegas por todo o corpo; elle não janta sem previamente vestir casaca; elle não apanha o seu pifão sem haver *abat-jour* em todos os candieiros.

Por isso, quando se pilha n'este sertão da Europa á beira-mar plantado, aproveito logo a occasião para tirar o ventre de miserias no que respeita a bamba-chata rija: bebe e não paga, embebeda-se e não se importa, agoniza-se e mette os dedos á bocca, vomita e não se rala, moteja, provoca, insulta, espanca, e vae-se depois embora a referir por esse mundo alem como um inglez se diverte á farta n'esta população de mossoróngos.

Antigamente, quando não tinhamos ainda um corpo de policia montado na perfeição, o divertimento sahia um bocadinho mais caro ao nosso querido e fiel aliado.

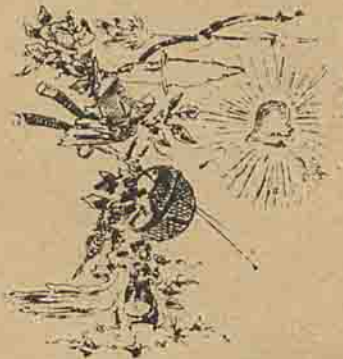
Ali pelas alturas do Caes do Sodré, o catraçiro irre-

verente, capitaneado muitas vezes pelo Maneta da Ribeira Nova, de honrada e colossal memoria, sahia ao encontro dos odres inglezes e fazia-lhes comprehender, com meia duzia de bofetadas d'um sabor accentuadamente portuguez, a manifesta superioridade d'esse genero nacional sobre o *box* londrino de que elles andavam por ahí fazendo o reclame.

Mas tudo isso acabou, porque veiu a policia, essa policia deliciosa que manda para o tribunal quem se *intromette no serviço* aconselhando-lhe algum alvitre sensato, ao passo que não só consente como até solicita que a marinhagem ingleza faça policia nos espectaculos *intromettendo-se no referido serviço*—o trabalho do serviço policial de chamar á ordem uma leva de bebodos indisciplinados, que afinal de contas se punham bons com meia duzia de papeis de soda, quando não bastasso igual numero de correctivos pontapés, applicados no local correspondente.



Salões, palcos e circos



Diz-se que o amor encurta as distancias e nós cremos verdadeiro esse aphorismo.

Pois o que succede com o amor está acontecendo agora com os *ca vallinhos*!

Antigamente, o indigena considerava a rua Nova

da Palma como o cabo do mundo.

Para lá ir tinha de tomar a mesma resolução enérgica e as mesmas precauções indispensaveis a quem vae emprehender a volta do globo. Fazia as malas, vestia o guarda-pó, despedia-se dos parentes; havia abraços enternecedores, prantos extrangulados, soluções de rachar as pedras da calçada!

—Para tão longe, coitadinho! diziam os amigos ao vel-o tomar logar no *char-a-banc* da Perna de Pau: para tão longe! sabe Deus quando elle voltará!

Pois os cavallinhos, isto é, o novo Coliseu de Lisboa, veiu, como o amor, encurtar as distancias, fazendo comprehender ao indigena que, para ir á rua Nova Palma, não é preciso tomar resoluções enérgicas: basta tomar logar no americano. E a lição aproveitou-lhe, porque o indigena já vem da Lapa á rua Nova da Palma, como o outro que diz com uma perna ás costas e não se queixa da distancia senão quando tem de voltar pelo mesmo caminho, a crescer-lhe agua na bocca por já não haver encontrado no bilheteiro nem um *logarsinho* da geral.

A companhia do Coliseu apresenta-nos bastantes novidades no seu genero, e algumas de elevado merecimento.

O clown Pinta, por exemplo, é um artista extraordinario, já pelo seu typo já pelos seus trabalhos.

A paciencia ultra-evangelica com que elle conseguiu educar quatro patos e um peru, dá-lhe direito a uma canonisação vindoura.

OS REIS MAGOS



São estes os verdadeiros reis magos, ou mágicos.
Grandes mágicos que andam sempre a mágicar, e que ainda hão de ser reis do futuro como foram reis do passado, — porque são elles os reis dos presentes...

Se o logar occupado pelo legendario Job tivesse sido dado por concurso em vez de se dar por antiguidade, o provido n'esse logar era forçosamente o clown Pinta!

O theatro dos Liliputianos, dirigido por mr. Gautier, faz-nos lembrar aquellas flores naturaes, tão finas, tão perfeitas, tão delicadas, que até se chega a dizer d'ellas: — Parecem mesmo flores artificiaes!

Assim, o trabalho de mr. Gautier é tão perfeito, tão bem acabado, que a maioria do publico fica suppondo que os personagens do theatrinho são feitos de papelão em vez de serem de carne e osso!

Depois, o theatro dos Liliputianos constitue, além da novidade artistica, a novidade de nos apresentar uns personagens com cabeças de tamanho natural e corpos microscopicos, quando geralmente o que por ahi abunda a nossos olhos é uma alluvião de sujeitos de corpos avantajados e cabeças insignificantissimas...

Assim como o clown Pinta veiu metter n'um chinello o paciente Job, assim tambem a gentilissima equilibrista veiu dar um chimalau de arromba na vespa tradicional da cinturinha delicada. Porque a vespa tem a cintura delicada, mas tambem tem a perna fina; ao passo que a formosa equilibrista nos mostra uma cintura que póde passar pelo fundo d'uma agulha, mas patenteia-nos uma-coxa que difficilmente poderá caber no espartilho da corista gorda!

Os seus trabalhos no trapesio são de primeira ordem, mas não precisava de subir tão alto para nos obrigar a fixar a vista no tecto do Coliseu.

Basta-nos vel-a cá em baixo para ficarmos immediatamente com os olhos em alvo...

Quando ella atravessa o espaço, de cabeça para baixo, com a serenidade d'uma mosca que anda passeando pelo tecto,

Eu, poeta d'agua doce,
Penso assim, em rimas toscas:
— Quem me dera—ó ceus!—que eu fosse
Ou *mosqueiro*, ou *papa-moscas*...



Viagens de recreio

A companhia dos caminhos de ferro descobriu o meio de prolongar pelo inverno dentro as viagens de recreio, que até hoje se realisavam apenas durante a epocha do verão.

E essas viagens são tanto mais agradaveis quanto é certo que o viajante, não sabendo para onde vae, tem assim o prazer do imprevisto, que é o prazer que mais delicia o corpo da humanidade.

A gente chega, por exemplo, á estação d'Alcantara; compra um bilhete para as Caldas, para tratar dos seus negocios que não para viagem de recreio, que o tempo não está para isso, e mette-se no comboio, muito aborrecido da sua vida e da sua obrigação, que o leva a seguir por esses caminhos fóra debaixo d'um temporal desfeito.

O comboio parte, vae ándando, vae andando, e de repente pára.

— Os srs. passageiros queiram ter a bondade de se apeiar, porque desabou uma barreira e este interrompida a linha.

Começa o recreio.

O passageiro apeia-se, apanha uma lufada de vento uma pancada d'agua e enterra-se na lama até aos joelhos. Augmenta o recreio.



— Mas onde estamos nós? como foi isto? quando se remedia? que providencias vão tomar-se? interroga para os empregados da companhia.

E cada empregado fica mudo e quedo, qual junto d'um penedo outro penedo!

As horas passam, a fome chega, a chuva cresce, a lama augmenta, a noite aproxima-se e o recreio multiplica-se...

Afinal o passageiro, recreiado até á medula dos ossos, atreve-se a perguntar ao chefe da estação:

— Mas porque diabo não nos manda v. s.^a para Lisboa? Porventura não tem machinas?



E o empregado responde urbanamente:

— Machinas tenho, mas não tenho instrucções; e sem instrucções não posso mandar pessoa nenhuma para parte alguma! Já pedi instrucções pelo telegrapho mas o telegrapho demora-se. Se apparecesse por ahi algum gallego, mandava-o n'um pulo e com um cabaz forrado de oleado buscar as instrucções a Santa Apollonia...

Effectivamente o telegramma viera para Lisboa ás dez horas certas e fóra entregue ás onze á risca no gabinete do sr. director, que chegou ao meio dia em ponto.

— Oh! oh! com que então temos telegramma urgente?! Vamos a isto que é uma pressa!... O' Bernardino, ajude-me você aqui a despir o sobretudo que apanhou alguns pinguinhos... Agora vá pendural-o no cabide, mas pendure-o de lado para não fazer marreca ao meio das costas. E tome cautella com a pocira, porque isso em cima da humidade—báubáu, seu Bernardino!—era um crivo de nodos... Com que então, telegramma urgente!... Sempre estou com muita curiosidade de saber o que aconteceu... Mas primeiro deixame ver se consigo livrar-me d'este maldito nervo do bife, que se me mettu na cova d'um dente... Ha que tempos que eu ando para ir ao Paiva chumbar o dente... Mas este serviço aturado da direcção da companhia não me deixa pôr pé em ramo verde... Vejam agora, por exemplo! Apenas cheguei já cá estava um telegramma urgentissimo a que é preciso responder... Estou morto por saber de que se trata... O' Bernardino! você tem pinça?

— Pinça, sr. conselheiro?! pinça de que? e pinça para que?

— Ora de que ha de ser? pinça de ferro, para me tirar um maldito nervo do bife que se me mettu aqui na cova d'um dente, que eu já teria chumbado se não fosse o serviço da direcção que não me deixa pôr pé em ramo verde... Ah! temos nós agora esse telegramma urgentissimo de que é preciso tomar conhecimento sem perda d'um minuto... Olhe, Bernardino, veja você se consegue tirar-me o nervo com a sua pinça... Repare bem, é ahí á esquerda, o terceiro queixal da banda de baixo contando dos incisivos... Está quasi... está quasi... carregue com a pinça um bocadinho mais para baixo... Agora! agora! *mete e saca*, como dizem os hespanhoes! Bravo, seu Bernardino! Você, em vez de continuo, devia ter estudado mas era para dentista. Que dentista, seu Bernardino! que dentista que você dava!



Bem! agora toca a tomar conhecimento do telegramma urgentissimo a que é preciso dar andamento n'um abrir e fechar d'olhos...

Vejam... «Ex.^{mo} sr. director... etc... Com o temporal d'esta noite desabou uma barreira...»

— Esta agora é melhor! Desabou uma barreira e eu não tive conhecimento de coisissima nenhuma?! Isto pode lá ser! Desabar uma barreira assim sem mais nem menos, e eu não ter conhecimento de semelhante coisa! E onde demonio é que desabaria a tal barreira? — O' Bernardino! você ouviu fallar para ahí no desabamento de alguma barreira?

— Eu não senhor!

— O *Diario de Noticias* não falla n'isso? a freguez

da hortaliça não lhe fez nenhuma referencia; hontem á noite o guarda nocturno não lhe tocou em coisa alguma?

— Não senhor! ninguém me disse nem chuz nem buz!

— Então hade ser engano! Em todo o caso indague sempre ahí pela visinhança: pergunte no barbeiro, no homem do talho e na capellista da esquina se por acaso tiveram noticia de algum desabamento de barreiras e para que lados é que ficam as taes barreiras desabadas.

O continuo vac, e volta d'ahi a uma hora, com a informação de que, na visinhança, não consta o desabamento de barreira alguma.

— Esta é que é uma de trezentos mil diabos... Vá lá uma pessoa adivinhar onde foi o desabamento das barreiras!... Oh! que inspiração divina! E eu que ainda me não lembrara de tal... Chame immediatamente o sr. Mendonça e Costa, que elle é que é homem para deslindar tudo isto enquanto o diabo esfrega um olho...

Mendonça e Costa vem solícito e, lendo o telegramma até ao fim, fica sabendo onde foi o desabamento.

— Que lhe parece esta entalação, ó Mendonça e Costa? Você não me dirá onde foi o desabamento das barreiras?

— O desabamento, responde Mendonça e Costa roendo as unhas até ao sabugo e aproveitando o ensejo para um mendonçaccosta: o desabamento foi aqui, na estação ende eu estou roendo...

— Aqui aonde? qual estação?

— A estação do *Sabugo*, que é o que eu estou roendo...

— É verdade! E eu que me esquecera de ler a telegramma até ao fim... Bem! já tenho um bico d'obra para amanhã começar o dia ao meio dia... Hoje já não posso dar providencias porque vou jantar... Sabe Deus quando acabarei e se algum nervo quizilento não virá, como hoje ao almoço, metter-se no dente—que eu já teria chumbado se não fosse este maldito serviço que me não deixa pôr pé em ramo verde...

E os passageiros lá ficam no Sabugo, mortos de fome, de sede, de frio, enterrados em lama até ao sovaco, e bemdizendo a companhia que soube transformar-lhes a estopada d'uma viagem por necessidade no bello divertimento d'uma passeiata que pôde afoitamente classificar-se o cumulo do recreio!



OS INGLEZES EM LISBOA



O aspecto d'elles, quando desembarcam. Os policia tremem.



O aspecto das ruas quando elles bebem. Os varredores dão ao diabo a cardada.